

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!

O Militante



BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

As «Eleições» Presidenciais Aproximam-se

CADA COMUNISTA DEVE DAR PROVAS DUMA INABALÁVEL FIRMEZA POLÍTICA

Hoje, no movimento democrático, não há apenas que contar com a acção exterior do fascismo. Há que contar também com a acção política e ideológica que o fascismo leva a cabo **dentro** do movimento democrático, através das ideias, das palavras, das atitudes, dos elementos oportunistas. O oportunismo, é a voz do inimigo na nossa própria casa. O oportunismo, é o maior perigo da hora presente.

Em consequência desta acção do inimigo, há vacilações nalguns democratas sinceros e até em membros do nosso Partido. O desaparecimento dessas vacilações, o afastamento de toda e qualquer ideia de compromisso com o salazarismo, a convicção comum de que só uma luta irreconciliável e tenaz contra a ditadura fascista pode trazer a democracia ao povo português — constituem a condição indispensável para se travarem com sucesso as batalhas pelas liberdades no terreno das «eleições» presidenciais.

Hoje mais que nunca, uma inabalável firmeza política, é uma característica fundamental da actividade dos comunistas.

1. A apresentação da candidatura do general Norton de Matos traduz o fortalecimento das forças democráticas, realizado nos últimos anos. Não foi Salazar que ofereceu às forças democráticas a possibilidade de apresentarem um candidato. O governo desejava, é certo, um «candidato da oposição». Mas um «candidato» dócil que se deixasse manobrar e dirigir pela camarilha fascista. O general Norton de Matos, apresentou a sua candidatura contra a vontade do governo fascista, que tudo tem feito para a sabotar.

A unidade das organizações antifascistas criada no MUNAF, bem como a unidade dos objectivos políticos imediatos de todos os democratas (liberdades democráticas e eleições livres) forjada na propaganda, organização e acções de massas do MUD, criaram à volta do candidato uma tal unanimidade e um tão amplo apoio, que tornam extremamente difícil ao governo fascista a eliminação desta candidatura.

2. Para atingir estes objectivos, não bastam aos fascistas o terror e a intimidação. Daí o servirem-se dum outro método de luta: infiltrar a sua propaganda no movimento democrático e tentar, **de dentro, desorganizá-lo, dividi-**

lo e separar as organizações democráticas das amplas massas populares. Eles procuram, por um hábil trabalho de desagregação, de calúnia, de intriga e de captação, conseguir o que não conseguem pela força. Eles procuram

Salazar não se dá, porém, por vencido e insiste no seu objectivo fundamental em relação às «eleições» presidenciais: **levar os democratas às eleições em condições de aí serem derrotados.** Pretende com isso quebrar o ímpeto do movimento democrático e dar, aos olhos do mundo, uma aparência democrática ao regime fascista.

Mas os fascistas tropeçam com a unidade dos antifascistas portugueses, com a crescente consciência política das massas, com o MUD, com o MUNAF e sobretudo, com a força, a acção esclarecedora, a influência e prestígio do PCP. Por isso, a medida que se aproximam as eleições presidenciais, os fascistas multiplicam os seus esforços para **dividir as forças democráticas, destruir o MUNAF, dissolver o MUD, atingir e isolar o PCP, impedir a movimentação das massas e criar uma oposição inofensiva.**

lo, paralizá-lo e separar as organizações democráticas das amplas massas populares. Eles procuram, por um hábil trabalho de desagregação, de calúnia, de intriga e de captação, conseguir o que não conseguem pela força. Eles procuram

levar as forças democráticas a adoptarem uma orientação que as conduza ao fracasso. O inimigo fascista procura assim dirigir, ele próprio, o movimento democrático: ser ele próprio, a determinar a linha de conduta, a orientação, dos democratas portugueses em relação às «eleições».

Há homens que se dizem «democratas» e se prestam a ser agentes da propaganda fascista no campo democrático. E há outros que pela sua dúbil preparação política, aceitam como boa a «orientação» que os agentes de Salazar querem imprimir ao movimento democrático em relação às «eleições» presidenciais. Eis o caminho que segue uma tal orientação: os diligentes fascistas (Salazar, o governo, a «União Nacional», a PIDE, etc.) dão instruções aos seus agentes provocadores encarregados especialmente de agir em junto dos democratas (Botelho Moniz, Bissau Barreto e muitos outros). Estes, representando o papel de «descontentes» com Salazar, (quando se não apresentam como «negociadores» e «intermediários») e de pessoas que desejam «uma modificação do regime no sentido da democracia» transmitem as ideias e directrizes fascistas a uma série de oportunistas incorrigíveis (António Sérgio, José de Sousa, Nuno Simões Cunha Leal, Lima Alves, Dias Pereira, etc.). Por sua vez, estes senhores — que ainda usam abertamente o rótulo de «democratas» e são tidos como tal por muita boa gente — trazem as ideias dos fascistas para junto de antifascistas honestos.

Um exemplo: Salazar tem defendido abertamente, nos seus discursos, a criação duma «frente patriótica», isto é, tem oferecido uma reconciliação à «oposição... dentro da constitucionalidade» e «legalidade» fascistas, ou seja no quadro do «Estado Novo». Com estas directrizes, os Botelhos Moniz & C.^a falam com os oportunistas incorrigíveis, dizem-se descontentes com Salazar, propõem-lhes formar uma frente comum «antifascista» e anti-comunista dão-lhes «conselhos de amigos» e esperanças de possibilidade duma acção legal. Por sua vez, Sérgio, Nunos e Souseas, divulgam e defendem a ideia da formação duma tal «frente patriótica» ou «frente nacional» e procuram atrair a ela alguns antifascistas honestos, insistindo que, para que as «forças democráticas» possam agir legalmente, há que romper com os comunistas e constituir uma espécie de «Terceira Força».

Outro exemplo: o governo quer ani-

quillar definitivamente o MUD, dividir os antifascistas do MUNAF e constituir uma oposição inofensiva. Mas os antifascistas continuam firmes e unidos. Vão então os Botelhos Moniz & C.^a e dizem aos oportunistas incorrigíveis que o MUD é um obstáculo à conquista da democracia, que nele os comunistas têm um papel preponderante, que o carácter clandestino da organização e actividade do MUNAF só pode prejudicar a conquista da legalidade, que se deve trabalhar para a legalização de «partidos socialistas» ou «republicanos» anticomunistas. E os oportunistas espalham tais ideias no campo democrático, naturalmente com uma outra linguagem: que «o MUD está «queimado», que «já nada pode fazer», que a luta «electoral» exige que se ponham de lado todas as formas de acção não permitidas pelo governo», etc., etc..

Ainda outro exemplo: o governo quer que o candidato da oposição vá às eleições em quaisquer condições para aí ser derrotado. A apresentação da candidatura do gen. Norton de Matos prejudica estes planos. Então, pela mesma forma e pelos mesmos elementos, os fascistas trazem até ao campo democrático a sua «orientação»: que «é um erro não ir às eleições»; que «mesmo sem as condições mínimas há possibilidade de vencer»; que, «se o gen. Norton de Matos insistir nas condições mínimas, há que substituí-lo», etc.

Um último exemplo: o governo não quer que o povo se mobilize, nada mais teme que as acções de massas. O apoio ao gen. Norton de Matos, as lutas pelas «condições mínimas» e pelas liberdades democráticas, criam condições para uma ampla mobilização do povo português que começa já a efectuar-se. Então, pela mesma forma e pelos mesmos elementos, os fascistas trazem ao campo democrático a sua «orientação»: que «só se devem fazer diligências «por cima»; que «as acções populares assustam o governo e o levam a não fazer quaisquer concessões»; que «as comissões electorais só devem ser as de direcção (serviços centrais, distritais e quando muito, concelhios); que «os elementos «queimados» não devem fazer parte delas»; que «em nenhum caso, se devem formar comissões de base» (nas empresas, nas aldeias, nas escolas, nos bairros, etc..

E assim, as consignas e directrizes de Salazar chegam ao campo democrático, por intermédio dos oportunistas.

nistas, a maior firmeza política.

Nesta situação, são enormes os deveres e responsabilidades dos comunistas.

3. Estes métodos de acção do inimigo exigem da parte das forças democráticas e especialmente dos comu-

O PCP é o único partido em condições de unir os democratas na luta implacável contra a ditadura fascista, de fazer triunfar uma orientação justa no movimento democrático, de fazer fracassar as manobras dos fascistas e seus agentes.

Cada membro do Partido deve compreender que da sua acção, do seu esforço, da sua firmeza, da justa orientação de cada militante, no seu sector de trabalho dependem, no fundamental, os êxitos do movimento democrático.

As «eleições» presidenciais abrem possibilidades para travar uma grande batalha pela democracia. Mas abrem também possibilidades ao fascismo para tentar levar a cabo o seu esforço divisionista e uma grande manobra demagógica.

Está fundamentalmente nas mãos dos comunistas portugueses que os acontecimentos evoluam a favor das forças democráticas e não do governo fascista.

A importância e gravidade da fase de luta que atravessamos, obriga todos os membros do Partido a uma particular intransigência quanto à orientação defendida pelo Partido.

Se é certo que em todo o trabalho conjunto com democratas doutas tendências, devemos dar provas de maleabilidade, de boa vontade e compreensão e transigir mesmo num ou noutro ponto (sempre com vistas a acções práticas), — a nossa transigência nalguns aspectos fundamentais, seria um verdadeiro crime contra os interesses do movimento democrático.

Se triunfasse a «orientação» dos oportunistas, as forças democráticas sofreriam sérios revezes.

Se a orientação do Partido triunfar, o movimento democrático progredirá e dará novos e importantes passos em frente.

Os comunistas não podem transigir no que respeita às condições mínimas para que os democratas possam concorrer às eleições. Ir sem essas condições (recenseamento honesto, ampla liberdade de propaganda e fiscalização do acto eleitoral) seria condenar os democratas e o candidato a uma inevitável derrota eleitoral.

Dai a necessidade de insistir nas condições mínimas, de fazer intens a propaganda delas, de protestar contra o «corte» de democratas dos cadernos eleitorais, de exigir a possibilidade de ainda se inscreverem todos os portugueses com capacidade eleitoral que o desejem fazer, de promover a realização de reuniões e assembleias de democratas, de tentar editar jornais legais, etc., etc.

Os comunistas não podem

transigir no que respeita à acção dos oportunistas incorrigíveis. Eles são agentes do inimigo no campo democrático. Toda a sua acção tende a dividir, a enfraquecer, a atrair a manobra eleitoral, as forças democráticas. Toda a sua acção tende a criar a oposição inofensiva sonhada por Salazar. Dai a necessidade de (ao mesmo tempo que tentar levar a bom caminho os democratas iludidos) desmascarar implacavelmente os oportunistas incorrigíveis, apresentando-os ao povo português com a sua verdadeira fisionomia política de agentes do fascismo e dos seus patrões anglo-americanos. Dai a necessidade de desvendar o verdadeiro significado da «orientação» que eles propõem para o movimento democrático (separação dos comunistas, formação de «frentes patrióticas» ou de «partidos legais da oposição» aceitando servilmente os favores de Salazar, etc.).

Os comunistas não podem transigir no que respeita à necessidade da mobilização das massas populares. Substituir as lutas de massas pelos compromissos, pelas «delicências por cima», pelas «negociações» com emissários do governo, pelas reclamações típidas e manobras de bastidores, significaria roubar ao candidato o seu mais forte apoio, o único que lhe pode dar a vitória — o apoio das massas populares; significaria também não saber aproveitar as «eleições» presidenciais para alargar e consolidar o movimento democrático e conquistar novas posições. Dai a necessidade de levar audaciosamente por diante um trabalho de mobilização de massas no apoio ao candidato general Norton de Matos; de fomentar e organizar lutas de massas pela obtenção das «condições mínimas» e pelas liberdades democráticas; de tornar as Comissões Eleitorais, organismos populares, ligados às massas, com uma diária actividade de massas.

Os comunistas não podem transigir no que respeita à unidade. A quebra da unidade dos democratas, seja pelo aniquilamento do MUNAF (que continua sendo um dos mais fortes estelos da unidade anti-fascista); seja pelo aniquilamento do MUD (que traz nas suas fileiras democráticas fundamentais da grande maioria dos portugueses); seja pelo «isolamento» do PCP; — seria meio e caminho errado para o sucesso das manobras salazaristas. Claro que isso não sucede. Mas não sucederá porque nós agimos para o evitar. Dai a necessidade de reforçar o trabalho do MUNAF, a sua organização e agitação clandestina e de dar novo vigor ao MUD e ao MUDJ, trazendo os nova-

nente à actividade aberta no terreno legal, especialmente no «período eleitoral» que está próximo e não deixará de abrir novas possibilidades, ainda que muito limitadas.

Aqueles camaradas que em relação a estas questões essenciais, se sentem por vezes, inclinados a contraporizar com os oportunistas, a fazer concessões e transigências, por receio de «quebrar» com os oportunistas, só podem favorecer a acção do inimigo. Na defesa destes pontos essenciais da orientação do Partido, em nada devemos transigir. Se há homens bem intencionados que defendem opiniões oportunistas, devemos ajudá-los, sermos pacientes tentando convencê-los do seu erro, mas nunca ocultando, nem a eles nem muito menos às massas, a nossa opinião quanto às ideias dos oportunistas, ao seu significado, à sua concordância com os objectivos fascistas, no que representam no caso de serem adoptadas. Em face da acção dos oportunistas podemos, em certos casos, não desmascarar as pessoas, mas devemos sempre e implacavelmente desvendar a natureza e o alcance das suas opiniões políticas.

Na luta contra o oportunismo, cabem diligências junto de democratas, conversas individuais com democratas influenciados pela propaganda dos oportunistas, cartas interiores nas organizações de

unidade. Mas o argumento fundamental para convencer os iludidos e fazer recuar os mal-intencionados, é a nossa actuação de massas. Na medida em que audaciosamente as organizações do Partido tomem a iniciativa de constituir por toda a parte (nas fábricas, empresas, campos, aldeias, locais de trabalho, escolas, etc.), **Comissões Eleitorais** (com portugueses honrados de todas as tendências); na medida em que essas comissões adoptem uma justa orientação e, além da actividade de massas que desenvolvam, manifestem vigorosamente a sua opinião às comissões eleitorais de direcção e ao próprio candidato que apolam; na medida em que desenvolvamos lutas políticas parciais (pela autorização duma reunião, pela publicação dum jornal, pela libertação dum preso político, pela extinção do Tarrafal, contra o corte dum democrata dos cadernos eleitorais, etc. etc.); na medida em que, pela nossa acção, fortaleçamos a unidade e a acção do MUNAF e façamos tudo para dar nova vida ao MUD e MUDJ todos os democratas honrados se convencerão pelos factos da justiça da nossa orientação, e os oportunistas incorrigíveis ficarão completamente isolados, cobertos pelo manó da traição e deshonra.

Firmeza política, acção de massas, confiança no povo — é o que o Partido exige de cada um dos seus militantes.

ALGUMAS INCOMPREENSÕES E DEBILIDADES NO TRABALHO DE

UNIDADE NACIONAL

No número anterior de «O Militante» dizemos: «Sem uma organização capaz, uma linha política justa de pouco vale». Para que a linha política do Partido possa ser aplicada na prática, é necessária a existência de uma organização à altura das circunstâncias — uma organização fortemente enraizada nas massas».

Naturalmente que isto é muito certo, pois traçar uma linha política muito justa não existindo uma organização para a aplicar na prática, seria o mesmo que um Estado Maior traçar um plano de ataque contra um exército inimigo sem contar por sua vez com um exército para o executar. Como é sabido, este não é caso do nosso Partido, porquanto ele possui uma linha política justa e conta com uma organização com as características fundamentais para a aplicar na prática. Não vá supor-se, entretanto, que todos os militantes do nosso Partido estão inteiramente integrados na linha do Partido,

embora alguns deles estejam sinceramente convencidos disso. Pensarmos isso seria vivermos afastados da realidade e desconhecer as debilidades verificadas em determinados sectores de actividade do Partido que se fillam, sem dúvida nenhuma, na não-compreensão justa da linha política do Partido e na sua orientação.

Desta análise ressalta esta outra conclusão: se os militantes do Partido, principalmente os mais responsáveis, não se integram inteiramente na linha política do Partido, todo o trabalho marchará aos zig-zags, correr-se-á o risco de comprometer todo o trabalho de organização e de mobilização das massas trabalhadoras e da população na luta contra o fascismo salazarista.

Algumas incompreensões e debilidades verificadas no nosso trabalho prático diário, a que adeante nos referiremos, exigem que se intensifique em todo o Partido a discussão larga e aberta dos proble-

mas políticos da hora actual, sempre à base dos materiais do Partido e da prática da luta diária, tanto no campo nacional, como no internacional; **exigem uma vigilância de cima para baixo e de baixo para cima cada vez maior, no que respeita à aplicação, na prática da orientação geral do Partido;** exigem, enfim, a necessidade de passar a ser lei, digamos assim, dentro do Partido, a prática de um apertado e eficiente controle de execução.

As incompreensões e debilidades a que atrás nos referimos assinalam-se principalmente no trabalho na Unidade Nacional, no MUD e no Movimento pela Candidatura.

Assim, há camaradas que quanto a imprensa do Partido critica a posição, falsa de certos democratas em relação à Unidade Nacional e ao MUD vão ao ponto de evitar que ela chegue às mãos dos criticados, «porque receiam que a Unidade seja prejudicada». Além de indisciplina partidária e desautorização da Direcção Central do Partido, esses camaradas mostram não compreender o que é a Unidade, vêem a Unidade à base de uns tantos antifascistas mais ou menos de destaque, e não à base da grande massa dos democratas e antifascistas portugueses, filiados ou não, em partidos antifascistas. Daí temerem que as críticas do nosso Partido a uns tantos democratas, mesmo dos mais honestos e consequentes, vão prejudicar a Unidade. Posições desta natureza justificam, até certo ponto, as debilidades que se assinalam no trabalho da Unidade Nacional. Em vez de se ligarem às massas e sentirem atrás de si a força que lhes dá o seu partido — o Partido Comunista — agarram-se eternamente a uma dúzia de antifascistas, ainda que muito honestos. Esquecem-se, por vezes, estes camaradas, que antes e acima de tudo são membros do Partido e que a linha política do Partido para o trabalho de Unidade, como em todo o lado é a mesma. Estas ideias justificam, também a falta de firmeza política que por vezes se nota da parte desses camaradas quando discutem os problemas afectos à Unidade Nacional, porque receiam que a franqueza e a inflexibilidade, quando se trata de problemas importantes, possam quebrar a unidade existente. A experiência demonstra-nos todos os dias o contrário.

Outros há que defendem que, pertencendo a organismos de direcção do MUNAF, o seu trabalho de controle aos Comités de base seria prejudicado se os outros antifascistas que os compõem viessem a conhecer a sua qualidade de mem-

bros do Partido Comunista.

Se é absolutamente justo que só o organismo do MUNAF a que cada um pertence deve conhecer a filiação partidária dos seus componentes e isto para se saber que partidos representam, se por necessidade do trabalho, antifascistas de outros Comités vierem a conhecer a sua filiação partidária, é justo dizer-se que isso não virá prejudicar a Unidade, pois, como é sabido, é do conhecimento público e muito particularmente dos antifascistas honrados, que o P. Comunista Português é aderente ao MUNAF. Mas se assim não fosse teríamos de concluir que tais antifascistas, porque anticomunistas, estavam contra a Unidade e não pela Unidade Antifascista e, portanto, estavam nela não para a fortalecer mas sim para a debilitar, romper e consequentemente fazer o jogo do fascismo. Esta concepção de alguns dos nossos camaradas, mostra nos também que se deixaram influenciar pelos cantos daqueles que defendem que os comunistas se devem esconder para não darem azo ao fascismo para exercer a repressão e para não espantarem os mais moderados, etc., etc.. E, se assim não é, mostram efectivamente não terem assimilado a linha do Partido, não terem compreendido a sua orientação geral, como mostram também que não estudam, como deviam, os materiais do Partido e que muito menos os discutem nos organismos do Partido a que pertencem. Esta concepção mostra, ainda, como a anterior, que substituem a força e influência do nosso Partido, que não confiam na força das massas e, por isso, giram eternamente em volta de meia dúzia de antifascistas considerandos de destaque, em vez de fazerem um trabalho de verdadeira Unidade Nacional ligando-se às largas massas da população, explicam também que a orientação geral do Partido não tem sido, por vezes, defendida com a firmeza necessária nos organismos da Unidade Nacional.

Por outro lado, há ainda outros que «admitem» que a reorganização e revigoração do MUD possam trazer prejuízos para a constituição das Comissões Eleitorais.

A esta ideia, já nos referimos no número anterior de «O Militante». Mas, além do que aí dissemos, temos a acrescentar que não se trata só do «admitir-se», mas fundamentalmente de que os camaradas que defendem tais ideias, vêem na candidatura à presidência da República, não um meio de luta pela conquista das liberdades democráticas mínimas, mas sim um fim para se alcançar uma saída da situação em que se vive. Isto explica também, até certo ponto, as debilidades veri-

ficadas desde há muito na acção para se revigorar o MUD e torná-lo efectivamente o orientador e impulsor da luta pela conquista de Eleições Livres.

Que nos indica tudo isto? Que se torna cada vez mais necessária, em todas as reuniões do Partido, a discussão larga e aberta da sua linha política à base da imprensa e outros materiais, entrando-se mesmo em perguntas directas sobre o que se compreende da leitura e estudo de determinados artigos do «Avante!» e

de «O Militante». Impõe-se a aplicação, no trabalho diário do Partido de um verdadeiro controle do excessivo, sem o qual não se pode ficar seguro se as tarefas distribuídas foram levadas à prática como o estabelece a orientação geral do Partido, quer dizer, tal como foram antes discutidas e assentes nas reuniões do Partido.

Só assim se eliminarão as deficiências e incompreensões assinaladas e se ajudarão os quadros do Partido a desenvolverem-se política e ideologicamente.

Perigo e consequências da subestimação do estudo da imprensa do Partido

Certas deficiências do trabalho de organização, da ausência de movimentos de massas, do fraco auxílio ao Movimento de Unidade Nacional, derivam em grande parte, da deficiente preparação política de grande parte dos militantes do Partido. Mas se isto é assim, não é menos verdade que há camaradas que julgam já tudo saber, que para eles nada mais há a aprender. Ao indicar-se-lhes a necessidade imperiosa de lerem e estudarem a imprensa do Partido para assim ficarem melhor armados para aplicarem na prática a orientação geral do P., cheios de presunção, respondem não necessitar de fazê-lo, que só precisam da imprensa para entregar aos militantes de base. E, entretanto, são estes mesmos camaradas, o que aliás é justo, que chamam a atenção da Direcção do Partido para a necessidade da edição de materiais de cultura política. Como se vê, a contradição é flagrante.

A primeira vista poder-se-ia julgar que o trabalho de organização e político caminham bem na organização a que pertencem os elementos que se pronunciam de forma tão tola. Como não podia deixar de ser, o contrário é o que se verifica: as células não reúnem regularmente, a imprensa do Partido não é distribuída convenientemente, não se realiza trabalho de Unidade, apesar das boas perspectivas existentes, e, como era de esperar, defendem-se ideias absolutamente contrárias à orientação do Partido, mesmo estranhas ao Partido: «que os movimentos legais só servem para queimar as pessoas e fazer o frete ao fascismo»; que «a solução para o derrubamento do salazarismo é a prática do terrorismo individual», etc..

Como dizemos atrás, estas concepções, além de estranhas ao Partido são, no fundamental, a capa com que de um modo geral se cobrem todos os que recalam a

luta das massas e os medrosos. Estas ideias e concepções servem, enfim, para esconder a actividade de quem as afirma ao ar: não se trata, pois, de concepções maduramente pensadas e, portanto, firmes embora erradas, como alguns camaradas pensam.

Este exemplo mostra-nos a necessidade de estarmos atentos às verdadeiras causas do não-cumprimento da orientação do Partido, de irmos ao seu encontro e aplicarmos rapidamente medidas que as eliminem. Em relação a muitas das nossas organizações e militantes, no aspecto de preparação política, ainda estamos num trabalho de primeira fase. A tarefa imediata que se impõe é levar todos os militantes à compreensão da necessidade do estudo dos materiais do Partido, da necessidade e importância da discussão, em todas as reuniões, das palavras de ordem do Partido e como materializá-las. E neste exemplo concreto, a principal medida a pôr em prática, é um auxílio político imediato aos camaradas e à organização, começando pelo controleiro, levando-os, à base da análise das deficiências da actividade da sua organização a sentirem e compreenderem a importância do estudo atento de toda a imprensa do P, da discussão da linha do P. e das suas palavras de ordem. Por outro lado, impõe-se a necessidade de se estar vigilante e atento a todos os elementos que espalham dentro do Partido ideias e concepções contrárias à sua linha política e aos princípios do marxismo-leninismo, como a luta desligada das massas, o terrorismo, etc..

Sem a eliminação destas e de outras deficiências de carácter orgânico da vida do nosso Partido, sem que cada militante se torne um defensor intransigente da linha do Partido na sua actividade diária, não é possível a mobilização, cada vez mais ampla, das massas laboriosas e progressivas para a luta contra o salazarismo